

O HERALDO

Editor,
JOSÉ MARIA DOS SANTOS

ANTIGO "JORNAL DE ANUNCIOS"

Composição e Impressão,
TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

POLITICA

Desagradou ao nosso collega de Faro *O Sul*, a forma tão despresticiosa como justa com que, em nosso passado numero, lhe rebatemos as flagrantes injustiças contra todos aquelles que tão dignamente têm em côrtes representado o Algarve.

Não lamentamos tal desagrado porque apenas o consideramos como desafoço de quem não pôde, á luz da boa razão, e á mingua de argumentos, contestar os innumeros serviços prestados á nossa querida provincia pelo partido regenerador.

No calôr da sua argumentação — *O Sul* contesta factos e melhoramentos importantissimos já realizados com a lista daquelles que o sr. conselheiro João Franco *realiza* se fados propícios lhe protegem a tão fallada candidatura.

A nós sempre pareceu inspirar mais confiança o candidato que, a um nome honrado, pôde orgulhosamente juntar uma longa folha de serviços.

Neste caso está incontestavelmente o sr. dr. Matheus Teixeira de Azevedo um dos vultos mais prestigiosos do partido regenerador e o *Sul* é o primeiro a reconhecê-lo, visto que, no seu ultimo artigo nem ousa citar o glorioso nome do antagonista do sr. conselheiro João Franco, certo de que pessoa alguma acreditaria nas suas contestações.

Lamenta-se também *O Sul* por lhe parecer que o *Heraldo* quer ir esquecendo as regras de urbana delicadeza e primorosa lealdade de que costuma usar e que tanto o têm honrado.

Não vemos razões para as jere miadas do nosso collega e apenas as tomamos como devaneios meramente gratuitos, porquanto não nos pesa na consciencia o termos jamais olvidado as praxes de boa camaradagem e de urbana delicadeza que tanto e tão justamente encantam o *Sul*.

Quanto á primorosa lealdade de que falla, devemos-lhe a sim, como membros da imprensa algarvia, cujas tradições temos sabido manter, e dir lhe hemos que, se algum jornal tem culpa do que se está passando neste sacerdocio augusto, não é, decerto o nosso.

E' ainda em nome desse principio e desse dogma, que nós entendemos não deixar passar a verdadeira serie de injustiças com que o *Sul*, prestando elevar o prestigio do seu chefe politico, deprime os seus adversarios.

O dr. Matheus d'Azevedo pertence a um partido de gloriosas tradições e que se orgulha de poder contar nas suas fileiras nomes como o do conselheiro Bivar, essa veneranda reliquia politica ha pouco desaparecida, e o de Ferreira de

Almeida, ambos elles de honorissima memoria.

Collaborador incansavel dos dois vultos que enumeramos, foi, afortunadamente o podemos affirmar, o sr. dr. Matheus e calorosamente reforce as nossas palavras a serie de melhoramentos de que Tavira é devedora.

Entretanto evidencia-se que o nosso collega de Faro intende que só os correligionarios do sr. João Franco são dignos e honrados e que por isso pode sem temer violentos protestos, enxovalhar com as suas iniquidades todos aquelles que se não fiam nos seus longos arrasoados e que, por mais que tentem, não conseguem descobrir na figura politica do conselheiro João Franco, as primorosas qualidades que *O Sul* tanto se esforça em patentear, em arrebatamentos de verdadeiro fanatico, na sua prosa primorosamente florida.

Pena é que as flores de rhetorica do nosso collega, tenham apenas a duração ephemera das rosas de Malherbe e que não chegue a Tavira, como de resto a muitas outras terras da nossa querida provincia, o seu delicioso aroma.

Recommendar aos tavirenses a candidatura do sr. dr. Matheus d'Azevedo, seria quanto a nós uma injustiça que lhes fariamos, suspeitando-os capazes de olvidar o seu dever, deixando escapar um momento em que podem significar ao desinteressado pugnador das prosperidades de Tavira, o grande e justissimo apreço em que são tidas as suas aperciabitissimas qualidades de caracter e de prestigioso politico.

DR. JOSÉ TEIXEIRA D'AZEVEDO

Deve chegar depois d'amanhã a esta cidade, onde tem curta demora, o sr. dr. José Teixeira d'Azevedo.

ECHOS

O nosso collega *O Sul* está de uma susceptibilidade de... seminarista! Em que foi que o maguamos, collega?

Diga, que immediatamente nos retrataremos de tudo, que por infelicidade nossa o melindrava... De sobejo sabemos que a sua bocca pura e os seus ouvidos castos não estão habituados a dizer nem a ouvir qualquer cousa menos... urbana.

Por motivo de desarranjo na machina, onde se imprime o nosso jornal não se publicou este a semana passada. Procuraremos no entanto indemnizar os nossos leitores d'esta falta involuntaria.

Audiencias

Teve logar nos dias 31 de janeiro e 1 de fevereiro o julgamento em audiencia geral do sr. Sebastião José da Silva Junior e seu irmão Antonio, commerciantes d'esta praça, como supostos authors do fogo no seu estabelecimento em outubro do anno passado. O jury não encontrando prova da culpabilidade absolveu-os por unanimidade.

ACTUALIDADES

A revolução na Russia
Agora que todas as atenções se voltam para o immenso imperio dos Czäres onde lavra o fogo intensissimo da guerra, vem a talho de foice dizer alguma coisa sobre as poderosas sociedades secretas que de ha muito vem minando aquelle colossal baluarte do autocratismo.

Nenhum outro livro conhecemos que, num estylo despretencioso e claro, descreva succintamente a organização das forças agitadoras que visam libertar o povo russo da ignominiosa escravidão que sobre elle pesa, como aquelle de que vamos extractar algumas paginas.

Escrepto por um revolucionario, nenhum outro conseguiria certamente dar-nos d'uma forma tão simples como breve a *mance* da perturbação revolucionaria da nação moscovita.

Falando das sociedades secretas, diz Florentino que «os muitos as prejudicam» mas que «os poucos não bastam.»

Que na Russia «os poucos bastam» e de uma maneira bem terrivel, não é necessario que eu aqui o demonstre.

Como explicar pois este facto extraordinario?

Explica-o a dedicação, a alevação moral e a energia destes lutadores heroicos.

Mas isto ainda não seria sufficiente, dirá alguem, para sustentar por tantos annos uma luta tão tremenda. Queriam-se milagres de heroismo. Ora os milagres não são já do nosso tempo, ou pelo menos ninguém acredita nelles. Como é então? Deve existir alguma outra causa.

Esta causa é o isolamento quasi absoluto do governo russo.

A autocracia nos fins do seculo XIX, num paiz que está em comunicação continuada com a Europa, onde todas as classes cultas recebem uma educação perfeitamente europeia; a autocracia num paiz semelhante é uma monstruosidade de tal ordem que, a não ser a gente que tem ligados a ella os seus interesses pessoais, ninguém a pôde defender de boa fé. D'aqui provem contra o governo uma opposição surda quasi universal em todas as camadas da sociedade que possui algum grau de instrução, opposição que, a despeito dos rigores da censura e do arbitrio da administração, se manifesta por modo tão claro e palpavel que é preciso fazer ouvidos de mercador, como faz o governo imperial, para não dar por ella.

Basta ler as representações das assembleas provinciaes (Zemstvo), basta folhear os jornaes russos destes ultimos annos para se certificar do enoio com que toda a sociedade na Russia pretende obter certos direitos politicos, taes como a liberdade da palavra e da imprensa, a inviolabilidade da pessoa e do domicilio, a representação nacional, tudo aquillo emfim que se resume na simples palavra — constituição.

Ora no programma dos socialistas russos dos ultimos cinco annos, vê-se uma alteração de toda a importancia. Tendo principiado por sustentar juntamente com o partido extremo da *Internacional* (chamado anarchico) que os socialistas se devem abster de entrar na luta politica, os socialistas russos pela logica inexoravel da vida deviam aprender á sua custa que a liber-

dade politica é uma coisa não só util, mas indispensavel para os socialistas, como para todos aquelles que têm alguma convicção a fazer vingar, alguma idéa a propagar. Deviam reconhecer que sem esses direitos elementares o socialismo nunca poderá sahir dos estreitos limites das sociedades secretas nem poderá exercer uma influencia decisiva sobre as convicções das massas populares.

Não havendo na Russia nenhum outro partido capaz de entrar em luta com o despotismo, resolveram emprehende-la por sua conta os socialistas. E, como na Russia a luta por insurreição á moda europeia é de todo o ponto impossivel, por isso os socialistas lançaram mão do terrorismo, da luta com o autocrata em pessoa para lhe converterem a vida n'um tormento, num dissabor, para tornarem a sua situação intoleravel, vergonhosa, ridicula, obrigando-o, á força de zombar do seu pretendido poder illimitado, ceder ás aspirações legitimadas e modestissimas de toda a nação.

O resultado necessario desta situação dos revolucionarios era facil de prever. Grangearam a inestimavel vantagem moral do apoio da opinião publica, apoio que da parte dos mais corajosos não ficava só em palavras.

Se o governo não estivesse em contradição flagrante com a sociedade, uma luta desta natureza nunca poderia existir, mesmo porque então a sociedade, longe de se deixar ficar indifferente, levantar-seia em massa contra os perturbadores do seu socego e num momento os esmagaria.

Que lucraria a sociedade russa em apoiar um governo que para todos se tornou intoleravel. Não pôde ser comparado o isolamento do governo russo senão ao de um estrangeiro odioso num paiz conquistado.

Os revolucionarios teem pela frente não um governo no sentido europeu da palavra, porque nesse caso, attenta a demasiada desproporção das forças, a luta seria impraticavel, mas uma camarilha, uma facção restricta e isolada que não representa senão os seus proprios interesses e não se apoia em nenhuma classe social.

Dest'arte a luta, se bem que difficillima, torna se possível e pode durar muitos annos.

Taes são as convicções que animam esses milhares de homens que, presentemente todo o mundo está vendo rebelarem-se, num esforço supremo de justissima reivindicação, contra o vexame d'um mau governo que só serve para escravizar os.

ESTAÇÃO DA LUZ

Realizou se no dia 4 a inauguração da Estação da Luz a que concorreram numerosas pessoas da cidade e freguezias proximas.

Aos festejos assistiu a philarmónica 29 de Setembro (Namarães) com a qual se deu um pequeno incidente que ainda não está resolvido. Todos os comboys que circularam n'esse dia foram verdadeiramente á cunha tendo os empregados que vender como de transito os bilhetes de gire o que ia dando causa a diferentes questões com os revisores na estação da Fuzeta.

No dia seguinte (do ningo) continuaram os festejos a que assistiu a philarmónica 1.º de Janeiro (Limpinhos).

A VELHA SARRAJOA

Era alta e magra... muito magra, a valha Sarrajôa.

Quando á incerta claridade matutina lhe enxergavam o vulto pelos atalhos orlados de tojo ou a encontravam na volta da estrada, os montanheiros tinham um vago sentimento de terror, como se ella fosse algum abantesma ou uma transviada feiticeira que, mais tardia no recolher, regressasse dalgum sabbat ás horas em que ainda mal se distinguem as coisas e, no ceo comecem apparecendo raios de fogo.

Todavia ninguém mais temente a Deus do que a Sarrajôa.

Ninguém como ella, ao toque melancolico das Avé-Marias, ajoelhava rezando com mais fervor e era sempre sincera a devoção com que se curvava sempre que lhe acontecia passar em frente da Capella da Senhora do Pé da Cruz, santa com quem desde muito se apegára.

De resto a Sarrajôa era uma das mais diligentes jornaleiras de Paderne.

Mas porque trabalhava tão activamente e sem descanso de sol a sol, a velha Sarrajôa?

Porque?

Porque tinha em sua companhia, guardada qual precioso thesouro, uma filha linda... muito linda, que emquanto a velha moirajava lá fóra, pelo campo, sob as ardencias do sol ou sob os rigores do inverno, trabalhava, dentro da humilde choça que lhes servia de habitação, em esparto, dando pela formosura que a distinguia a impressão duma linda Fada que tivesse baixado áquelle antro.

Para a filha, aquella linda moça que até ainda era mais bonita que a Senhora do Pé da Cruz é que ella trabalhava sem um momento de descanso, sem uma hora de desanimo, curvada... muito curvada sobre os torrões.

E a moça dia a dia, instante para instante se tornava mais formosa.

A fonte breve e transparente em seus rons, era emmoldurada por um como que diadema de far-tos e ondeantes cabelos tão lindos... tão lindos que até pareciam polvilhados de ouro.

Os olhos tinham scintillações de turquesa e a bocca era tão infantil e graciosa que parecia feita de pétalas de roza humidas de orvalho.

E uma atmosphera brilhante e diaphana parecia envolvê-la como se ella fosse alguma apparição astral...

Mas um dia, perdia-se vacillante o tri ho da estrada nas horas dolentes do crepusculo, quando aconteceu passar ali, junto da roida habitação da velha Sarrajôa, regressando duma caçada o filho mais velho do sr. Commendador ***.

A moça estava á janella. O seu busto airoso como que resplandecia, destacando-se num fundo escuro a que as cantarias serviam de moldura...

Ella viu-o também, advinhou o maravilhoso effeito que a sua prodigiosa belleza causara nelle e sorria...

Ao outro dia elle passou mais cedo, ao tempo em que á velha muito faltaría para terminar a faina diaria e, encontrando a rapariga á janella, fallou-lhe na vivissima impressão que a lindeza della lhe causara.

Ella ouviu-o enlaidada!

O filho do commendador era um lindo rapaz. Todas as moças da aldeia lhe desejavam as amabilidades e galanteios... e era a elia, a pobre filha duma mendiga que elle vinha fallar de amor! Como acreditá-lo?

Elle então tornou-se eloquente. Que nada havia que admirar! Qual das raparigas da localidade, apesar da riqueza, se podia pôr a par d'ella?

Quem possuía como ella, uns olhos assim tão azues... tão azues que até pareciam feitos de dois farrapos do ceo?

Quem, num sorriso divino, mostrava assim a lindissima fiera dos seus dentes destacando-se na vermelhidão purpurea da bocca tão breve como graciosos?

E, lisongeada, ella acreditou-o. Cahia a noite quando se separaram. A mãe, a Sarrajôa veio depois...

Nos outros dias elle voltou...

Uma vida de sonho aquella que por longo tempo, mezes e mezes, ambos viveram e que a moça a todos occultou, parecendo guardar ainda maior segredo para com a mãe.

Só o luar sabia daquelle mysterio... E' que, uma noite, ás horas em que tudo na aldeia dormia, elle vira saltar pela janella, sahindo da casa da Sarrajôa o vulto elegante do filho do Commendador...

Mas, uma tarde, a velha ao regressar, soube tudo!

Havia muito que a pallidez da filha e a orla roxa que lhe debruava os olhos, a tristeza continua e que a via mergulhada e que coincidia com a auzencia inesperada do filho do sr. commendador, lhe davam que pensar...

Naquella tarde rasgou-se crudelissimamente o veo de trevas que envolvia o espirito da velha...

Sobre o leito revolto, escondido nas trevas dum recanto, ensanguentada e contorcendo-se com dores horriveis, gemia a filha tendo junto de si uma creancinha.

Um torno de ferro em braza que lhe torturasse o coração, causaria menor dor a velha Sarrajôa!

Deshonrada a sua filha!

Perdida!... E teve um olhar de maldição para a infeliz...

A rapariga chamou-a num breve aceno... estendeu-lhe as mãos quasi geladas, aquellas mãos finas e brancas que, ao trabalharem no esparto faziam lembrar Penelope e fitou a velha...

—Mãe!... Perdôa... elle enganou-me e os seus olhos já quasi completamente embaciados, qual ceo toldado, volveram-se para a creancinha como a recommendal-a á avó... depois o seio arrou lhe um pouco e disse ainda francamente... indistinctamente.

—Mãe... fica-te com ella... é tão linda... e quedou-se immovel... olhar parado... olhos entreabertos...

Tinha morrido!

A Sarrajôa permaneceu largo tempo absorta junto do cadaver...

A filha morrerá-lhe á mingua...

A velha como que sentia tenazes de ferro a revolvem-lhe o cerebro... lagrimas abundantes deslizaram-lhe pelas faces maceradas...

Ao lado da morta, a creancinha chorou... chorou de fome...

A velha adivinhou-o e sentiu todo o peso do seu infortunio!

Como sustentar a creança? Como pagar a quem a ammentasse, se mal lhe chegava o dia para ganhar a parca subsistencia?

E invejou a sorte da filha! Como ella estava agora tranquilla! Como estava agora quietas e livres dos grosseiros trabalhos de esparto as suas lindas mãos...

A creancinha tornou a chorar. Aquelle choro foi para a velha como que uma garra de abutre a cravar-se-lhe no peito...

Que fazer!

E' ergueu-se quasi de repelão... pegou na recém-nascida, envolveu-a num trapo e aconchegou-a ao seio... depois partiu caminho fóra, a correr... parecia doida... doida furiosa...

Anoitecera de todo. No ceo diamphano, estrellas muito brilhantes reluziam...

Num instante a Sarrajôa, chegou junto da ermida da Senhora

do pé da Cruz detendo-se sob o clarão mortiço que jorrava do nicho onde a imagem da Mãe de Deus recebia aquella devoção dos fieis.

Ahi ajoelhou.

—Senhora, disse entre lagrimas, já que ordenaste que minha filha me deixasse fazer com que eu possa alimentar a minha netinha...

E aconchegou, cheia de fé, a creança ao seio, pondo-lhe na bocca o mamilo...

E a creança calou-se como por encanto!... Os labios contrairam-se e d'ali a pouco, um fio tenue de leite branqueava-lhe as commissuras rozadas como flores de aloendro...

Um olhar repassado duma gratidão infinita foi o agradecimento da pobre Sarrajôa á milagrosa Senhora do Pé da Cruz!

LYSTER FRANCO.

ELEIÇÕES

Nas proximas eleições devem ser eleitos deputados pelo Algarve os srs. major Garcia Guerreiro, dr. Joaquim Tello, visconde da Ribeira Brava e Ferreira de Sousa, do governo; e dr. Matheus Teixeira d'Azevedo e conselheiro João Franco Castello Branco, da opposição.

FERROADAS

A Carlos Fuzeta.

Já poseu, mano garda?

As Ferruadas...

Digamos. Esses *varios e originaes opusculos a dois tostões*, no conceito da illustre redacção de *O Sul*, tinham a honrosa missão de apañhar a indole algarvia pelo seu lado humorístico, por essa nota patasca, cantante e alegre, que se algumas veses fere com o seu galgar de ironia, mostra sempre atravez das cascadas de riso o que ha de singelo, são e sincero, no fundo de um temperamento.

Demais a mais essa nota torna-se particularmente interessante no Algarve, picada pela tom de jocosidade que adquire nos paizes do sul onde, refere Daudet, as menores coisas assumem proporções fantasticas, prodigiosas, engrandecem enormemente, projectadas no alvo n'uma decoração admiravel de miragem.

Efeitos do sol!...

E talvez seja pelos efeitos deste sol glorioso que em tudo põe uma nota de rumor e mancha doirada de luz, seja talvez por isso que a feição do algarvio se apresenta tão genuinamente tagarela.

Quando um algarvio *venta*, ninguém se bate com elle...

Ah! bom Tartarin!

Mas eu a falar dizem que sou mais papagaio do que um proprio algarvio.

Pudera! Se sou de um paiz ainda mais al sul!

O público não o quiz, porém, assim. Não quiz que as *Ferruadas* continuassem, deixando-as morrer as relento do desfavor, afogadas no orvalho de alguns calotes.

Um d'estes caloteiros, a quem invariavelmente enviei o meu recibo do primeiro ao sexto volume, ao sexto mandou-me em pagamento esta quadra de literatura de cordel, maravilhosa:

*Tanto barulho para nada
Só serve para me envergonhar
Um cânsinho tão pequenino
Que nem sequer sabe ladrar.*

Senti-me pago.

Decididamente, de todas, foi esta a melhor *ferruada*.

Compulsando as notas que tinha colligido para as Ditas, cuidando que tivessem uma vida prolongada, feliz, gosada até aos cabelos brancos da velhice ao amparo e carinho dos assignantes, encontro no meu caderno de apontamentos os seguintes traços biographicos sobre a Fuzeta.

Fuzeta!... Oh! a bela aldeia, branca, muito branca, recortando-se n'um largo trecho de paisagem,

na serenidade d'este ceu azul e limpido do Algarve!

E' uma povoação de pescadores, assente á beira de um d'estes numerosos braços da ria que, coleando, cortam com os seus reflexos liquidos a extrema orla do litoral, como serpentes de escama de aço.

Bafeja-lhe a vida, de um lado o ar salino do mar, de outro o perfume acre que se evola do turbilhão da serra: de tomilho, de rosmaninho, de alecrim, da estiva. E se a adoravel aldeia tem os pés a a descansar sobre a frescura da praia, apoiada a cabeça, coroada de pampas e grandes esmeraldas dos prados, sobre troço das montanhas que cingem o seu horizonte, pulsa-lhe o coração sem dúvida no ritmo das velas, que como tenues azas de borboletas adejam vagamente sobre a palpação azulada de agua.

Fuzeta é uma povoação de pescadores e, por isso mesmo que o é, ha no fundo da sua população um que de audacia e temeridade, alguma coisa d'esse genero atrevido do fenicio para as aventuras arriscadas e misteriosas do mar, que faz dos marinheiros do concelho de Olhão os primeiros marinheiros de Portugal.

Mas ha tambem n'ele, no maritimo da Fuzeta como de resto em todo o maritimo em geral, um pouco de simplicidade e ingenuidade nativas, que se contrastam singularmente como aquella sua valentia nas bravas lutas com o oceano e tornam o destemido nauta um bom homem em terra.

Toda a sua coragem e rudeza se fundem, fóra do mar, em bonomia que o seguinte episodio vai definir:

Era uma vez um rapaz, e era tambem uma rapariga. Até aqui nada de novo.

O rapaz não era feio, mas a rapariga era bonita a valer: olhos que eram brasa, faces que eram fogo e boca que era um ardor de rubis em bagos de roman.

O rapaz namorava a rapariga, mas a rapariga não namorava o rapaz. Ora aí está a grande coisa. Profundo desgosto!

Ralado, cheio de tristeza e ciu-me, o rapaz encheu-se um dia de coragem e resolveu conquistar o coração esquivo da amada por meio de uma carta.

Peior era, porém, que ele não sabia escrever, mas havia ali perto um homensinho, guarda de alfandega, que lhe podia prestar o serviço.

Munido de preparos foi ter com ele e formulou o seu pedido:

Ah! mano *garda*, não me escreve uma cartinha, mano *garda*?

—Escrevo, sim.

—Pois então ponha lá, mano *garda*.

Maria.

«Bem sei que andas *dizâdo* que a tua *familia* é mais que a minha...»

—Já *poseu*, mano *guarda*? «cuidas que é cá não sou um *home*? sou, sim...»

—Já *poseu*, mano *garda*? «se queres saber se sou ou não, *vaías* amanha á *ingreja* e lá me verás...» «com o *mê chapé* de coco, *mê fato* de *dgonal*, verás como me pareço...»

—Já *poseu*, mano *garda*? «não quero que *vaís* aos fornos nem aos lavadoiros...»

—Já *poseu*, mano *garda*? «Não é mais nada, mano *guarda*. Faça favor de ler.

«Maria. Bem sei que andas *dizâdo* que a tua *familia* é mais que a minha, já *poseu*, mano *garda*? bem sei que andas *dizâdo* mal de mim, já *poseu*, mano *garda*? cuidas que eu cá não sou um *home*? sou, sim, já *poseu*, mano *garda*? se queres saber se sou ou não *vaías* amanha á *ingreja* e lá me verás, já *poseu*, mano *garda*? com o *mê chapé* de coco, *mê fato* de *dgonal*, verás como me pareço, já *poseu*, mano *garda*? não quero que *vaías* aos fornos nem aos lavadoiros, já *poseu*, mano *garda*? Não é mais nada mano *garda*. Faça favor de ler.»

—Ah! mano *garda*, se lhe parece que são muitos *poseus* tire li uns dois ou tres!

Faro.

LUDOVICO DE MENEZES.

O SONHO DE MARCO ANTONIO

I

Noite. Por todo o largo firmamento
Abrem-se os olhos de ouro das estrellas...
Só perturba a mudez do acampamento
O passo regular das sentinelas.

Brutal, febril, entre canções e brados,
Entrara pela noite adiante a orgia;
Em borbotões, dos cantharos lavrados
Jorrava o vinho. O exercito dormia.

Insomne, entanto, véla alguém na tenda
Do general. Esse, entre os mais sósiuho,
Vence a fadiga da batalha horrenda,
Vence os vapores callidos do vinho.

Torvo e cerrado o cenho, o largo peito
Da couraça despido e arfando ansioso,
Lívida a face, taciturno o aspecto,
Marco-Antonio medita silencioso.

Da lampada de prata á luz escassa
Resvala pelo chão. A quando e quando,
Treme, enfunada á viração que passa,
A cortina de purpura oscillando.

O general medita. Como soltas
Do alveo de um rio transvasado, as aguas
Crescem, cavando o solo,—assim, revoltas,
Fundas a alma lhe vão sulcando as maguas.

Que Vale a Grecia, e a Macedonia, e o enorme
Territorio do Oriente, e este infinito
E invencível exercito que dorme?
Que doces braços que lhe estende o Egypto!...

Que vença Octavio! e seu rancor profundo
Leve da Hispania á Syria a morte e a guerra!
Ella e o céo... Que valor tem todo o mundo,
Se os mundos todos seu olhar encerra!

Elle é valente e ella o subjugava e o doma...
Só Cleopatra é grande, amada e bella!
Que importa o Imperio e a salvação de Roma?
Roma não vale um só dos beijos d'ella!...

Assim medita. E allucinado, louco
De pesar, com a fadiga em vão luctando,
Marco-Antonio adormece a pouco e pouco,
Nas largas mãos a fronte reclinando.

II

A harpa suspira. O melodioso canto,
De uma volupia languida e secreta,
Ora interpreta o dissabor e o pranto,
Ora as paixões violentas interpreta.

Amplio docel de seda levantina
Por columnas de jaspe sustentado,
Cobre os setins e a cachemira fina
Do regio leito de ebano lavrado.

Move o leque de plumas uma escrava,
Véla a guarda lá fóra. Recolhida,
Os petreos olhos uma esphynghe crava
Nas formas da rainha adormecida.

Mas Cleopatra acorda... E tudo, ao vel-a
Acordar, treme em roda, e pasma e a admira:
Desmaia a luz, no céo descora a estrella,
Como que a esphynghe move-se e suspira...

Acorda, E o torso arqueando, ostenta o lindo
Collo opulento e sensual que oscilla...
Murmura um nome e, as palpebras abrindo,
Mostra o fulgor radiante de pupilla.

III

Ergue-se Marco-Antonio de repente...
Ouve-se um grito estridido que sôa
O silencio cortando, e longamente
Pelo deserto acampamento echôa.

O olhar em fogo, os carregados traços
Do rosto em contração, alto e direito
O vulto enorme,—no ar levanta os braços,
E nos braços aperta o proprio peito.

Olha em torno e desvaira. Ergue a cortina,
A vista alonga pela noite afóra...
Nada vê. Longe, á porta purpurina
Do Oriente, em chammas vem raiando a aurora.

E a noite foge. Em todo o firmamento
Vão-se fechando os olhos das estrellas:
Só perturba a mudez do acampamento
O passo regular das sentinelas.

OLAVO BILAC.

QUEM PERDEU?

Achou-se entre o mercado e o jardim um molho de chaves pequenas. São cinco e duas de tamanho muito pequeno presas a uma simples rodela de arame.

Póde o dono requisita-las n'esta typographia.

IMPOSTOS

O arrendatario do imposto de farinhas e todos os cereaes em Santo Estevão é o sr. José Pires Florencio, sitio da Egreja. 212

Falleceu em Albufeira o sr. João Gomes Paulo, proprietario, irmão do sr. conego Diogo Gomes Paulo, do sr. José Gomes Paulo, capitão de infantaria 4 e pae do sr. dr. João Gomes Paulo.

CHRONICA DE FARO

Verdadeiros dias de primavera com muito sol e muita luz... Agora senhe-se a gente rejuvenescer aos beijos do sol creador, inunda-se-nos a alma d'esta alegria comunicativa que se reflecte das coisas, respira-se a largos haustos este ar que nos faz bem e nos desentorpece os membros aukylizados pelos passados dias de frio e chuva... Como são bellos estes dias!

Pelo passeio, pela Alameda, pela estrada da Circumvallação, pelo Alto de Santo Antonio, por esses campos fóra, vêm-se grupos em passeio, durante as horas de mais calor, com um ar de satisfação que nos alegra e nos encanta... Não tardará que as andorinhas venham estabelecer os seus *ménages* sob o beiral dos nossos telhados, annunciando-nos a aproximação d'essa ridente quadra, que com mão divina espalha sobre o mundo sangue novo e vida nova.

A Natureza a exercer sobre tudo a sua acção protectora de mãe...

No recinto dos gabinetes dos politicos, no *Syndicato*, na *Havaneza*, no *Nicola*, continua a tratar-se de eleições com o mesmo afan e o mesmo encarniçamento dos dias de chuva: fazem-se planos mirabolantes de campanha, que uma aragem adversa ha de desfazer impiedosamente, sellam-se accordos transitorios que uma conveniencia de momento aconselha; pedem-se votos, corrompem-se consciencias, inutilizam-se homens, que num meio de mais moralidade poderiam ser uteis a si e á sua patria.

Vultos que, para a obtenção de conezias se collocaram hontem sob a alta protecção dos potentados, protestando-lhe eterna submissão, e vibrando sobre outros os fulminadores raios da sua ira, desertam ingratamente depois que auras adversas vieram revolver a face do paiz. E—o que é mais—já se bem diz agora o que hontem se amaldiçoava; já se despreza e menosca o que se procurava com empenho...

O vós, que nas ruas de S. Petersburgo e de Moscow, nesta hora angustiosa de revolução, offereceis em holocausto vidas preciosas em troca do que julgaes a Liberdade, não prosigaeis no vosso chimerico caminho; lembrae-vos das esposas que idolatraes, dos filhos queridos que o vosso braço alimentava! A Liberdade, a que tão anciosamente tendem os vossos esforços, não passa de um ideal infelizmente, muito distante, ainda da realidade. Essa Liberdade, sob a aza nefasta da politica, estenden do dominadoramente os seus tentaculos, não passa do que acabo de descrever vos...

FLAMINIO.

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

LIVRARIA = TAVIRA

ULTIMAMENTE:

O Genio portuguez aos pés de Maria, O tiro de caça, Leonor Telles, Casamento de conveniencia, Positivos e negativos photographicas.

EM ASSIGNATURA:

Collecção Camillo Castello Branco, O Manual do Operario, Os ultimos escandalos de Paris.

Collecção Economica=Cada volume, UM TOSTÃO

Romances de Daudet, A. Karr, Bouvier, Malot, Ohnet, Jules Mary, Champsaur, etc.

100 RÉIS CADA VOLUME — ROMANCES BARATOS!

REVISTA AGRONOMICA

Publicação da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal. Assignatura por anno: 35000 réis, travessa dos Remolares, 130, .—Lisboa.

HOTEL LA CAMPANA
AYAMONTE

O melhor e mais central hotel da cidade. Serviço de meza muito bom; aposentos luxuosos. Director: Luiz Faria.

REGULAMENTO DO REGISTO COMMERCIAL

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, n.º 109 (ao Largo do Caldas) Lisboa, acaba de editar o *Regulamento do Registo Commercial*, aprovado por decreto 15 de novembro de 1888, seguido de legislação sobre prestação de Fianças Judiciaes; Salubridade das Edificações Urbanas; Organização dos Orçamentos e mais serviços relativos ás despesas de Instrução Primaria; Policia Judiciaria e de Investigação; Execuções Fiscaes; Casas de Penhores; Regimen de Prisão Maior Cellular; Casa de Correção para Menores do Sexo Feminino Taxas do Sello de Liceuças Industriales. Direitos; de Mercê, sendo o seu custo 60 réis.

O conhecimento das disposições d'este regulamento é de bastante utilidade para a classe commercial.

ANNUNCIO

Mathias Peres Rojo tem um trem para alugar. 210

CARREIRAS A VAPOR NO GUADIANA

Horario de partidas no mez de fevereiro

Dias	Horas	De Mertola	Dias	Horas	De Villa Real
10	7,32	"	manhã	11	3,36 "
13	7,37	"	"	14	6,31 "
15	12,11	"	tarde	16	9, "
17	2,17	"	"	18	10,46 "
20	4,30	"	manhã	21	12,39 "

lher; porque esquecia-me dizer-te que ella é beata, mas faço a vista grossa a este respeito, visto que todas essas coisas são de peso para a criadagem.

«Adeus, meu caro Dumont; remetto-te incluso uma aua authorisação afim de retirares fundos de casa***; tu os empregaras na compra de acções de Napoles, se elles continuarem a baixar.

ADOLPHO DE NOIRVILLE.

CAPITULO V.

Seis mezes depois que isto fóra escripto por M. de Noirville, Cecilia dirigia a seguinte carta á baronesa Sara, em Dresda.

Noirville, 20 de junho de 18...

«Tenho tardado bastante em dar-vos resposta; mas a minha saude é tão má, estou tão fraca, que, apesar de todo o meu desejo, só hoje tive physicamente a força de escrever; pois que para pensar em vós, não faço outra coisa senão lêr de continuo as vossas cartas tão affectuosas, posto que um tanto severas a respeito do que chamais as minhas loucuras...

«Sim, minha amiga, reli com

bem triste prazer essa ultima carta, em que me recordaveis a nossa residencia em Napoles! Era esse um bello tempo: que felicidade profunda eu não gosava ao vêr uma doce intimidade estabelecer-se entre as nossas familias, meu pae apreciar o subido caracter de vossa mãe, e vossa mãe encontrar no coração da minha um ecco para cada um dos seus nobres e religiosos pensamentos. E d'ahi, como desde a primeira vez em que nos vimos, nós logo nos compreendemos! recordo-me bem; foi depois d'um passeio no golpo: voltámos todos á embaixada; então levei-vos a minha casa e ali vos mostrei os meus thesouros; os meus livros, a minha musica, os meus desenhos começados; mas acaso vos recordaes vós, Sara, desta circumstancia? Um volume de Lamartine tinha ficado aberto em cima da minha meza, e mostraes-me que tinheis levado a mesma obra ao vosso passeio. Mas ainda não é tudo: qual não foi a nossa admiração quando vimos pelo signal do vosso livro, que como eu, a ultima meditação que haviéis lido era também a oração! Não vos lembraes quanto esta descoberta nos admirou deliciosa-

EDITAL

O presidente da Camara Municipal do Concelho de Tavira:

Em conformidade com o que determina o art. 43.º do decreto eleitoral de 8 de agosto de 1901, faz saber:

Que por decreto de 3 de janeiro ultimo, publicado no *Diario do Governo* n.º 3, de 4 do mesmo mez, são convocadas as assembleias electorales para o dia 12 do corrente mez, afim de elegerem os deputados ás côrtes em conformidade do art. 40.º do mesmo decreto e mappa a elle annexo, devendo ter logar a eleição de deputados pelo circulo n.º 22, pelas 9 horas da manhã, d'aquelle dia, nas quatro assembleias primarias d'este concelho, a saber:

A 1.ª na egreja parochial da freguezia de Santa Maria, constituida pelos eleitores d'esta freguezia;

A 2.ª na egreja parochial da freguezia de S. Thiago, constituida pelos eleitores d'esta freguezia e dos da Conceição, devendo fazer-se a chamada por esta ultima freguezia;

A 3.ª Na egreja parochial da freguezia da Luz, constituida pelos eleitores d'esta freguezia e dos de Santo Estevão, começando a chamada pelos eleitores d'esta freguezia; e

A 4.ª Na Egreja parochial da freguezia de Santa Catharina, constituida pelos eleitores d'esta freguezia e dos de Cachopo, devendo a chamada começar pelos eleitores d'esta freguezia.

E para que chegue ao conhecimento de todos se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser affixados, publicados e lidos á missa conventual das Egrejas parochiaes das freguezias d'este concelho, como a lei determina. Tavira, 3 de fevereiro de 1903. E eu, Joaquim Augusto Barrot Trindade, secretario da Camara, o subscrevo.

O presidente,
199 João Possidonio Guerreiro.

ANNUNCIO

Verissimo Pereira Paulo, com procuração de seu pae Paulo Joaquim, arrematante do 7.º e 8.º ramo dos impostos indirectos municipaes, vem por este meio avisar, que todo o individuo que tenha estabelecimento d'algodões e mercarias que não estejam avençados nos ditos ramos, venham apresentar os manifestos dos generos e fazendas abaixo indicadas:

Fazendas de todas as qualidades, chá, café, manteiga, assucar, massas, sabão, sabonetes, mel, gomma, bolachas e queijo flamengo, até ao fim do corrente mez, sob pena de lhe ser applicado o artigo 33.º do regulamento da fiscalisação e cobrança dos impostos indirectos municipaes em vigor n'este concelho como determina o artigo 9.º do mesmo regulamento.

Verissimo Pereira Paulo.

Companhia de Pescarias

do Cabo e Ramalhete

Vendem-se viales acções d'esta Companhia. Trata-se com José Maria dos Santos.

A HISTORIA DA PARTEIRA.

Para aquelles qua tiverem estado muito doentes.

Ninguém falla com entendimento mais claro da acção d'um remedio do que uma parteira que, pelos seus conselhos ajuizados, salva as vidas dos soffredores e aponta o caminho da saude e do vigor. A Senhora Antunes tem tido uma experiencia com a Emulsão de Scott durante varios annos, e mediante a sua ajuda que não se pôde avaliar, tem feito muitos d'estes quasi milagres qui visitam o emprego da Emulsão de Scott, quanto a gente tem estado muito doente. Com clareza deleitosa a Senhora Antunes expõe o que a Emulsão de Scott sempre faz nos casos taes como ella menciona:



SENHORA ANTUNES.

AVENIDA SARAIVA DE CARVALHO, No. 5, PORTO, 19 de Agosto de 1903.

Na minha profissão de parteira não poucas vezes encontro parturientes que, em virtude de partos laboriosos e hemorragias continuas, chegam a um grau muito baixo de fraqueza e mesmo d'anemia perigosa. N'estes casos costumo aconselhar-lhes a Emulsão de Scott e sempre com os melhores resultados; as parturientes engordam, comem com melhor appetite, e as forças e o sangue voltam com a saude que ellas tinham antes. Para as crianças de constituição fraca não se pôde encontrar melhor remedio nem alimento mais fortificante do que a legitima Emulsão de Scott. (Assignado) MARIA DA GLORIA ANTUNES, Parteira aprovada.

Se alguém que amardes estiver soffrendo de taes doenças, deixae a Senhora Antunes receitar-vos a Emulsão de Scott. Ella operará como um encanto e dará á natureza aquella ajuda de que ella precisa para pôr todas as cousas direitas. Se fôr vosso proprio caso guiae-vos por quem sabe — o conselho é inteiramente verdadeiro e sincero.



Marca registrada.

FOLHETIM

UMA MULHER FELIZ

CAPITULO IV

Carta de M. de Noirville a M. Dumont, advogado

«Afim, á noite, para mais das dez horas, deitamo nos E, a proposito disto, não sabes que minha mulher imaginou ter quarto separado; mas, quando eu quero uma coisa, sou teimoso como macho de arrieiro, e por conseguinte vivemos á burguezia, como costuma dizer-se. A proposito tu bem sabes que és de direito o padrinho do meu primeiro (se eu o tiver).

«Ora aqui tens tu um estrado de minucias, meu caro Dumont; vem pois a Noirville durante as ferias; trazer nos-has a tua *Gazeta dos Tribunaes*, que lêes d'uma maneira tão burlesca imitando a voz dos juizes e dos accusados; mas o que ha de ser enfadonho é que se torna necessario sermos fingidos, por causa da beata de minha mu-

mente, e que felizes presagios nós ali buscámos para o futuro? porque a amizade, como todos os sentimentos ternos e delicados, parece querer fortificar-se contra o futuro pelos presagios, como se o acaso podesse alguma coisa contra o futuro!

«Bem vêdes que nesse tempo a nossa joven imaginação não era bastante rica, bastante fértil, bastante viva para bastar aos planos de felicidade que formavamos. Que de brilhantes sonhos nós havíamos improvisado! Mas também, por mais longe que levassemos estes sonhos caprichosos e dourados, as nossas idéas sempre tinham em attenção a existencia dos authores dos nossos dias; faziamos como aquellas aves que experimentam as suas azas nascentes no meio das flores e das folhas, mas que nunca desamparam o ninho paterno.

«De todas estas risonhas visões, que me ficou? perdi aquelles para quem a minha vida tinha um alvo, estou só, só, oh! horrivelmente só, Sara! E apenas hão decorrido dois annos desde o tempo em que o futuro nos parecia tão bello!

«Mas perdoae-me, Sara, se vos fallo tanto da minha desventura e tão pouco da vossa felicidade...

vós tão feliz, tão amada, tão apreciada de tudo quanto vos rodeia; vós que soubeste encontrar a felicidade com o auxilio d'uma sisuda e subida razão; vós que vos sentis reviver n'um filho adorador; vós finalmente para quem a esperança tem sido uma realidade!

«Não sabeis que a desventura afeia a alma; não sabeis que ha occasiões em que vos invejo com amargura, ou em que vos odeio quasi pela grandeza da vossa felicidade?

«Mas perdão, perdão, minha amiga! E' que sou tão infeliz!... Porque é preciso que vos franqueie a minha alma, bem certa que te-reis dó da vossa pobre louca, como me chamais...

«E' porque também tudo quanto eu soffro é superior a qualquer descripção. E' que não podeis figurar o horrivel supplicio que me foi imposto; é que nunca sabereis o que é viver cada dia, cada hora, cada minuto com um ente que nos é odiosamente antipathico, cuja presença nos irrita ou nos opprime, e que se mostra sem dó, porque não sabe, porque não pôde saber nem comprehender a horrivel tortura que nos faz soffrir com a sua cruel bondade. (Continua.)

EDITAL

Luiz Augusto Victor Xavier da Silva, administrador interino do concelho de Tavira, em exercicio, por Sua Magestade El-Rei, a Quem Deus Guarde.

COMPETINDO-ME pelos n.ºs 15.º e 16.º do artigo 278.º do Código Administrativo tomar as providencias necessarias para proteger a liberdade, propriedade e segurança dos habitantes do concelho e impedir quaesquer actos contrarios a moral e decencia publica;

E, convindo reprimir os abusos quasi sempre originados pelas tradicionais brincadeiras do Carnaval, de harmonia com as disposições regulamentares de policia, faço saber:

Que fica expressamente prohibido nas brincadeiras do Carnaval o atirar com ovos, laranjas, limões ou outros quaesquer corpos que pelo seu peso, ou natureza, possam causar prejuizos materiaes ou contundir as pessoas; e

Ficam igualmente prohibidas as mascaradas, cujos trajes sejam offensivos da religião, da moral e dos bons costumes.

Os que contravierem estas determinações serão autuados.

E para que chegue ao conhecimento de todos e se não possa allegar ignorancia mandei passar este que será publicado no jornal da terra, e outros d'egual teor, que vão ser affixados nos logares mais publicos e do costume.

Tavira, 25 de janeiro de 1905.
Luiz Augusto Victor Xavier da Silva.
207

EDITAL

A Camara Municipal de Tavira

FAZ PUBLICO:

QUE no dia 16 do proximo mez de fevereiro, pelas 12 horas da manhã, á porta dos paços do concelho, se ha de proceder em hasta publica e a quem mais der, á arrematação do 6.º ramos dos impostos indirectos, a qual consta do seguinte:

Madeira, Cana, Louça, Ladrilho, Telha, Vidro e Tamancos. Base da licitação, 100\$000 réis.

Paços do concelho de Tavira, 26 de janeiro de 1905.

O presidente,
208 João Possidonio Guerreiro.

ACABA DE SAHIR:

PÃO NOSSO

OU

LEITURAS ELEMENTARES E ENCYCLOPÉDICAS
por Trindade Coelho

Um volume de mais de 500 paginas, adornado de innumeras e admiraveis estampas, em optimo papel, contendo noções elementares sobre variados ramos de conhecimento, e o resumo de todas as disciplinas que se estudam na escola primaria. E' o livro post escolar por excellencia, indispensavel a todos, por ser formado d'aquella serie de conhecimentos, que é imperdoavel—vergonhoso até!—não possuir.

Preço.. } brochado... 500 réis
 } cartonado... 600

Do mesmo auctor:

PARA AS CRIANÇAS

ABC do Povo para aprender a ler br. 50
O Primeiro Livro de Leitura cart. 150
O Segundo Livro de Leitura » 250
O Terceiro Livro de Leitura » 350

Todos estes livros, editorados em Paris, são preciosas lições de coisas, illustradas com admiraveis gravuras.

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro, 242-X.—LISBOA

E em todas as livrarias

Machina.—Vende-se uma de mão Singer. Trata-se com Mariados Martyres, Alto de S. Braz. 209

ALVELLOS & C.^a

Casa de Cambio, Loterias e Tabacos

16, PRAÇA DE D. FRANCISCO GOMES, 17 FARO

OS proprietarios d'este estabelecimento, acham-se sempre habilitados para fornecer jogo de todas as loterias da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, assim como para receber em troca o jogo premiado de qualquer cambista de Lisboa.

A proxima loteria realizar-se ha no dia 11 de janeiro, sendo o premio maior de 40 contos. (195)

Grandes Armazens

de Novidades

AU PRINTEMPS

PARIS

O catalogo e as amostras dos tecidos de novidades para a estação de verão são enviados franco de porte a quem os pedir em cartas devidamente franqueadas.

As encomendas e os pedidos de amostras podem ser dirigidos ao agente reexpedidor d'esta casa

A. VINCENT

19. LARGO DE CAMÕES-ROCIO-LISBOA

A PEROLA DE TAVIRA

A CABA de chegar um completo e variado sortido de chapéus de chuva para homem e senhora, lindos modelos e preços sem competencia, porque a grande quantidade e a boa compra assim o faz.

(196) José Viegas Mansinho.

Propriedade. Vende-se uma no sitio do Fôgo, d'este concelho, constando de terras de semear, vinha, alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras, oliveiras, etc.

Quem pretender dirija-se a João Rodrigues Aragão, em Faro, rua Philippe Alistão.

Casas. Vendem-se umas no Alto do Cano com tres compartimentos, uma ramada e palheiro. Trata-se com José de Mendonça. 202

Empregado economico. Pela quantia de 2\$500 réis mensaes. tem o commercio, industriaes e particulares de todo o paiz. e por 5\$000 réis, os das Ilhas. Africa e Brazil, um empregado afiançado, para satisfazer todas as suas ordens em Lisboa. Largo do Terreiro do Trigo, 8, 1.º D.—Lisboa. (204)

Casa. Vende-se uma na rua Nova Grande que faz esquina com a rua Nova Pequena. Quem pretender, dirija-se a esta redacção.

GOVERNANTA

UMA mulher com os conhecimentos precisos, offerece os seus serviços para governante de caza particular. esta redacção se diz.

VENDEM-SE 22 acções da Companhia Tavirense de Moagens e Massas a Vapor. N'esta redacção se diz. (206)

Vende-se ou aluga-se uma casa nova na rua das Freiras. Tem 12 compartimentos, pequeno quintal com magnifica agua. Trata-se na rua do Sapal, 20.

Palha. Palha de trigo, vende-se uma porção. Quem pretender pode dirigir-se a José Xavier Cavaco, em Castro Marim. (188)

Vende-se o dominio directo de um fôro de 22\$500 réis, annual, com vencimento em 3 de agosto, imposto na fazenda da Capellinha que trazem em venda os srs. padre Piedade e irmão. Quem pretender entenda-se com Gonçalo Ferro. O mesmo vende tambem uma courela de fazenda no sitio da Capellinha com terra de sementeira e oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras e figueiras, com casa, cavallaria e palheiro. Vende tambem umas casas na rua de S. Braz com 8 compartimentos, quintal, cerca e cavallaria com sabida para o Alto de S. Braz, d'esta cidade. 198

HOTEL CONTINENTAL

(O HOTEL DOS ALGARVIOS)

O mais central e um dos melhores e mais baratos hoteis de Lisboa. Frente para o Rocio. Serviço de meza excellente.

Officina de canteiro e esculptura

DE

JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES

Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria;

jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc.

LARGO DO CARMO

(5872) Faro



BAGA de sabugueiro para dar cor ao vinho, importada directamente da Regoa, nova colheita, 1.ª qualidade, vende

JUSTINO A. FERREIRA TAVIRA

128

PINHEIRO & FILHO

Commissões e consignações Corretores de vinhos desde 1875

63, Rua do Miradouro PORTO

Encarrega-se da venda, por amostras ou á consignação, de qualquer quantidade e qualidade de vinho ou aguardente. 143

GUIA PRATICO

DE

ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE

Commercial, bancaria, agricola e fabril

Pelo professor e perito commercial

Joaquim H. da Silveira Passos

Diplomado pela Escola do Commercio de Lisboa

ESTÁ em publicação semanal, em fasciculos, esta importante e util obra, destinada a habilitar, sem auxilio d'ouros estudos e **sem mestre**, a organizar, seguir ou balancar a escripturação de qualquer casa commercial, bancaria, agricola ou industrial, a exercer habilmente qual quer logar de carteira e a concorrer com a precisa habilitação aos concursos de bancos e repartições publicas.

O guia pratico ensina a resolver cerca de mil problemas varios sobre escripturação e contabilidade e é dividido em dois volumes.

1.º volume — Calculo

Comprehende o ensino pratico das perações sobre: Numeros inteiros, decimales, quebrados, complexos, elevação a potencias, extracção de raizes, divizibilidade, systema metrico, regras de tres simples e compostas, regra da conjuncta, regras de companhia, de liga, de avarias, percentagens, juros, descontos, praso medio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos methodos directo, indirecto e hamburguez. cambios, juros compostos, annuidades, fundos publicos, papeis de credito e arbitragens.

2.º volume — Escripuração

Comprehende cinco modelos completos com todos os livros principaes e auxiliares, sendo todos os problemas acompanhados das mais claras e precisas explicações: 1.º modelo uma escripta pelo systema de partidas singelas; 2.º Uma escripta d'uma casa commercial, contendo oito mezes de operações diversas pelo systema de partidas dobradas, com tres balanços; 3.º Uma escripta d'uma

casa de commissões e consignações; 4.º Uma escripta d'uma industria explorada por uma sociedade anonyma; 5.º Uma escripta agricola.

Preço de cada fasciculo em Lisboa e na provincia 100 réis. As assignaturas pode ser feitas por bilhete postal dirigido á empresa da publicação d'esta obra a Affonso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, 1.º, ou em Tavira, nos armazens de moveis de Justino A. Ferreira, rua Nova Grande, 23 a 53. (138)

FAZENDAS PARA FATO

F. A. GOMES

20—RUA NOVA GRANDE—20 TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de phantasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS

VENDE-SE uma armação e balcão, pesos e medidas e balança, tudo em boas condições. Quem pretender dirija-se ao seu proprietario José do Sacramento Costa, Largo das Portas da Afecção. (157)

Vende-se uma propriedade no sitio d'Asseca, com horta e sequeiro e consta de casas de moradia, ramada e palheiro, alfarrobeiras, amendoeira, oliveiras, vinha e outras arvores de fructo.

Trata-se com Abilio dos Santos Bandeira, Tavira. 167

Vende-se uma estante com balcão em bom estado para estabelecimento. Trata-se com José dos Santos Luz.—Tavira. (169)

Casas. Vende-se umas na rua Nova de S. Pedro, n.º 34, com cinco compartimentos, sobrado e varanda. Trata-se com o major Campos. (171)

Casa. Vende-se uma casa alta com sala e saleta, tres quartos, casa de jantar, cozinha e duas copas, sobrado, soteia e dois armazens, rua Direita, 97, (frente para o rio).

Quem pretender dirija-se a Frederico Mil homens. (185)

Propriedade rustica. Vende-se uma propriedade no sitio do Alvisquer, freguezia da Conceição de Tavira, constando de sequeiro e regadio com todo arvoredo e vinha, casa de moradia, armazens para adaga, ou seleiro, ramada, palheiro e forno. Quem pretender dirija-se ao sr. Antonio da Costa Ascenção, em Faro. 149

Vende-se uma casa na praça da Lagoa com 8 compartimentos no primeiro andar e terraço, armazem no rez do chão com poço, chagão e communicação para o cano geral. Tem os n.ºs de policia 5 e 6. Trata-se com João Manuel Affonso. 179

Vende-se. Uma casa terrea na rua da Porta Nova, com sala, tres quartos, um corredor, casa de jantar, cozinha, sobrado, varanda, quintal, palheiro e cavallaria. Quem pretender dirija-se a Manuel Joaquim de Sant'Anna, morador na mesma. (153)

Horta. Arrenda-se a horta das Freiras, na Atalaya. Quem pretender dirija-se a Maria Candida Baptista, Rua do Rego.—Tavira. (144)

Acções. Vendem-se quatro acções da armação de Bias. N'esta typographia se diz.

Casas. Vendem-se umas que consta dos seguintes compartimentos: casa de fôra, cozinha, dois quartos e tem sobrado com dois quartos, quintal e cavallaria, situada na rua do Poço da Mó Alta. Quem pretender dirija-se a Dionysio Viegas, rua Nova Pequena.—Tavira. (180)

Casas.—Vendem-se tres moradas de casas; duas com frente para a rua do Sapal, e uma mais pequena com frente para a travessa D. Anna. Tem bom quintal, dois poços d'agua doce e porta de sabida para a rua da Caridade. São propriedade de Antonio Pedro Galvão. Trata-se com seu filho Miguel Antonio Galvão, residente em Faro. 152

Venda de propriedade. Vende-se uma no sitio de Mont'Agudo, freguezia de Santo Estevão; contendo casa de habitação, oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras, vinha, etc.

Trata-se em Tavira com José Henrique da Cruz, tenente coronel reformado. (133)

Casa. Vende-se uma casa com os compartimentos: sala, casa de jantar, tres quartos, corredor, cozinha dispensa, duas varandas, dois armazens, quintal e poço d'agua doce. Quem pretender dirija-se a José das Dores Frangolho, Largo de S. Sebastião, Atalaya—Tavira. (126)

Lezírias do Guadalupe. Vende-se uma decima sexta parte d'estas lezírias. Quem pretender dirija-se a Matheus Teixeira d'Azevedo, largo da Graça, 82, 1.º—Lisboa.

Vende-se. Uma morada de casas altas na praça da Lagoa em Tavira, com os numeros 29 e 30 de policia. Quem pretender dirija-se a D. Henriqueta Rita Guerreiro, em Olhão. (134)

Vende-se uma barca para serviço de rio e costa, de um só mastro, 2 vergas, 2 velas, 2 encerados, boie, amarras, 4 fiteixas e mais pertences. Trata-se com Francisco Raymundo—Tavira. 146

Casa. Vende-se uma casa alta com frentes para a rua da Borda d'Agua d'Asseca e rua d'Asseca, oito compartimentos no 1.º andar e dois no 2.º, dois baixos, dois terraços, quintal com poço d'agua e cavallaria. Quem pretender deve dirigir-se a Manuel das Dores, morador no mesmo predio. Tavira. (123)

Vende-se uma propriedade no sitio do Fojo, com terras de semear, amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras e vinha. Quem pretender dirija-se a Anna Aragão Pereira, rua dos Giganos, 17—Tavira. (141)

Casas Vende-se uma terrea, na rua de S. Lazaro n.º 65 de policia, consta de 7 compartimentos e quintal, com porta para a travessa das Figueiras, poço, cabana e palheiro.

Trata-se com José Gomes Corsino.

Potes de lata. Vendem-se ou alugam-se oito potes de lata de 70 alqueires cada um. Trata-se com Francisco Pedro Maldonado Senior, Tavira. 193

Carro. Vende-se um de quatro rodas com cabeça de couro da Russia, em bom estado e muito leve, proprio para um só animal. Trata-se com Joaquim de Mello Trindade.—Tavira. (154)

Propriedade. Vende-se um no sitio da Capellinha, constando de terras de sementeira e de todo o arvoredo. Recebem propostas em carta fechada, padre Piedade ou irmão. (175)